



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

NATALIA MARIA RIBEIRO DE SOUZA

**A LITERATURA DE CORDEL E A XILOGRAVURA
COMO FERRAMENTAS DE APRENDIZAGEM
NO ENSINO DA ARTE-EDUCAÇÃO**

**BRASÍLIA-D.F.
2019**

NATALIA MARIA RIBEIRO DE SOUZA

**A LITERATURA DE CORDEL E A XILOGRAVURA
COMO FERRAMENTAS DE APRENDIZAGEM
NO ENSINO DA ARTE-EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós Graduação Lato Sensu - Educação e Patrimônio Cultural e Artístico do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, pela modalidade Universidade Aberta do Brasil, da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sandra Regina Santana Costa

BRASÍLIA-D.F.
2019
POLO GOIÁS-GO

Figura 1.J. Borges: A professora, xilogravura



Fonte: Arquivo J. Borges

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”
Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Este momento é muito importante, por isso agradeço aos meus pais e a minha irmã Carem Ribeiro, por terem me dado condições para que eu pudesse concluir esse curso. Ao meu companheiro Jorge Henrique, por debater temas que me ajudaram na estruturação desse trabalho de conclusão.

Agradeço aos professores, e reconheço o esforço em elaborar um ótimo material de estudo. Graças a esses recursos e ferramentas pude conhecer um pouco mais sobre cultura e arte. Amei estudar esses temas.

Agradeço à Professora Dr^a Sandra Regina pela orientação, atenção, apoio e dedicação!

Agradeço ao poeta cordelista Gustavo Dourado pela recepção e boa conversa sobre o cordel. Agradeço ainda ao Márcio Alencar, pelo material de apoio para esta pesquisa.

Agradeço às cordelistas Maria Rosário Pinto e Dalinha Catunda do *blog* “Cordel de Saia” pelo material que me auxiliou para a realização desse trabalho de pesquisa.

Também agradeço às queridíssimas tutoras Cilene Rodrigues e Elaine Ruas, mulheres de garra, eu admiro vocês! Vocês fizeram um ótimo trabalho. Obrigada pelo apoio e atenção!

Agradeço à diretora Jane Alves, a coordenadora Cíntia Mattão e as professoras Flávia Diniz e Sulamita do Centro de Ensino Fundamental 04 do Guará. Vocês me deram espaço e oportunidade para que pudesse realizar esse trabalho. Adorei fazer a oficina com seus alunos!

Vocês fazem um belo trabalho na escola.

Gratidão!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem a finalidade de conhecer a história do cordel e também relacionar com a história de Brasília. Pois muitos nordestinos que migraram para o Distrito Federal não voltaram para à sua terra natal e aqui constituíram família. Dessa forma percebe-se que é uma história ainda muito presente. Por isso o estudo propõe apontar possibilidades de abordar o cordel dentro do ensino das Artes Visuais, com o intuito de contribuir com os educandos na possibilidade de que reconheçam a arte como um meio de construção de identidade. Assim sendo, para além do campo teórico, foi realizada uma oficina de xilogravura com alunos do de uma escola da rede pública do Distrito Federal.

Palavras chave: cordel, xilogravura, aprendizagem, arte-educação

ABSTRACT

This Course Conclusion Work has the purpose of the history of *Cordel* knowledge and also compare with Brasília's history, in fact, many people from Northeast of Brazil, migrated to the Federal District, and didn't return to their homeland and build a family. Thus, it is perceived that it's still very atual, so the study proposes on pointing out possibilities to approach *Cordel* as a Visual Art Teaching, is an an effort to contribute with the students on possibility of recognizing art as way to build identity. In addition to the theoretical field, a Woodcutting Workshop was held with students from a public school in the Federal District.

Keywords: *Cordel*, woodcut, learning, art-education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - J. Borges, A professora, xilogravura	3
Figura 2 - Livretos de Cordel	13
Figura 3 - Capa do primeiro folheto de autoria feminina no Brasil.	18
Figura 4 - Xilogravura feita por Mestre Noza	25
Figura 5 - Xilogravura de Costa Leite	26
Figura 6 - Xilogravura de Abraão Batista	26
Figura 7 - Xilogravura de Jeronimo Soares,	27
Figura 8 - J. BARROS, Retirante – xilogravura P.A.	27
Figura 9 - Xilogravura do artista J.Borges. “Moça Roubada”	28
Figura 10 - Ciro Fernandes, Forró, xilogravura (1978).	28
Figura 11 - Nasce Brasília- Nasce Brasília.	30
Figura 12 - Casa do Cantador.	34
Figura 13 - Casa do Cantador.	34
Figura 14 - Academia Taguatinguense de Letras (ATL).	35
Figura 15 - O aluno desenhou no EVA	43
Figura 16 - Desenho produzido pelos alunos, matriz e gravura.	43
Figura 17 - Imagem do processo criativo dos alunos.	44
Figura 18 - Imagem do processo criativo dos alunos.	44
Figura 19 - Desenhos produzidos pelos alunos. Matriz e gravura	44
Figura 20 - Desenhos produzidos pelos alunos. Matriz e gravura	45
Figura 21- Imagens dos alunos produzindo na oficina.	45
Figura 22 - Imagens dos alunos produzindo na oficina	45
Figura 23 - Desenhos produzidos pelos alunos.	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. OBJETIVOS	11
1.1. Objetivo Geral	11
1.2. Objetivos Específicos	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1. Um breve histórico da Literatura de Cordel	1213
2.1.1. Principais cordelistas	14
2.2. Cordel como literatura de contexto jornalístico	15
2.3. Presença feminina: <i>blog</i> Cordel de Saia	17
2.4. A xilogravura	23
2.4.1. Artistas da xilogravura	24
2.5. O cordel e memórias candangas	29
2.5.1 Casa do Cantador	33
2.5.2 Academia Taguatinguense de Letras (ATL)	35
2.6. Cultura popular e arte e educação	38
3. METODOLOGIA	40
3.1. Cenário da pesquisa	40
3.1.1. Sujeitos objetos da Pesquisa	42
3.1.2. Técnica aplicada	42
3.2. Análise das informações e discussão dos resultados	46
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
5. REFERÊNCIAS	50
ANEXO	54

INTRODUÇÃO

O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso surgiu devido a observações e impressões sobre o povo nordestino; Em consequência da escassez de água em suas terras natais, vieram trabalhar na construção de Brasília. Em 1958, mais uma vez faltou água no sertão, e como estratégia de fuga da miséria, muitas pessoas dos Estados do Nordeste embarcaram nos paus-de-arara (caminhões que traziam os retirantes) rumo à Brasília. Eram os primeiros “candangos”, como ficaram conhecidos aqueles trabalhadores pioneiros, que vieram em busca de novas oportunidades.

Esse trabalho de pesquisa expõe um breve histórico dos seus principais cordelistas, xilogravuristas, e como essas poesias populares são confeccionadas, além da relação nordestina com D.F., Esses povos contribuíram para o processo de formação de Brasília e suas cidades satélites, constituindo morada na região. Em razão da forte presença nordestina no D.F. pretende-se nesse trabalho expor a história do cordel e relacionar a influência do Nordeste nas memórias candangas por meio dos fatos contados em poemas, trazendo episódios que comumente não são explorados na história oficial brasiliense, contextualizando esses fatos históricos em sala de aula.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reconheceu no dia 19 de setembro de 2018 a Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Foi unânime a decisão tomada pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, que é o órgão colegiado de decisão máxima do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) sobre as questões do patrimônio brasileiro material e imaterial.

Essa decisão foi muito significativa, pois o Cordel é conhecido como uma herança do Nordeste que possui qualidade técnica e criativa. Nos seus folhetos é possível encontrar assuntos sobre política, educação, história, problemas sociais, dentre outros temas, mas sempre falando de assuntos do cotidiano e com uma linguagem acessível, ou seja, o cordel alcança todas as classes sociais. Sabe-se que apesar de ter começado no Norte e no Nordeste, devido ao processo de migração das populações, o cordel foi disseminado por todo o país. Segundo o portal do Iphan, circula com intensidade na Paraíba, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Pará, Rio

Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo.

A intenção desse trabalho é mostrar possibilidades de abordagem do cordel e xilogravura na Arte-Educação, visando contribuir para que os alunos percebam a arte como um meio de expressão. Para trabalhar com educação é preciso criatividade dos profissionais da área, a fim de que as aulas não se tornem cansativas, uma vez que o próprio Estado dificulta a relação entre professor e aluno, como pode-se observar analisando os dados do PISA¹ que mostraram a queda da educação no país..

Em pesquisa realizada a cada três anos em escolas de 70 países, o Brasil ficou em 59º lugar em leitura, e entre os dez últimos nas categorias matemática e ciências, esses dados referem-se a penúltima pesquisa realizada. Os resultados referentes ao ano de 2018 só estarão disponíveis no final do ano de 2019², e prevê-se que os resultados desse exame não serão satisfatórios, visto que o baixo desempenho não se resume em não acertar as questões, mas sim ao fato de que a maioria dos alunos tendem a piorar seus desempenhos, pois não compreendem o que é pedido nos enunciados.³

Para mudar esse cenário, além de investir verbas na educação, uma das prioridades deve, também, ser a formação e a valorização do professor, oferecendo uma melhor infraestrutura⁴, pois percebe-se que há um grande problema de superlotação nas salas de aula. O número de alunos, cerca de 35 a 40 por turma, somado ao ambiente, não adequado devido à pouca circulação de ar e iluminação, carteiras depredadas e desconfortáveis ergonomicamente, ou até mesmo o tamanho reduzido das salas, facilitam a desordem, e contribuem para desgaste do professor. Esses problemas também influenciam de forma direta o processo de aprendizagem dos alunos.

¹ Brasil cai em ranking mundial de educação em ciências, leitura e matemática, disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghtml>>, visitado em 10/11/2018.

² Os resultados do PISA: reflexões sobre a educação no nosso país, disponível em: <<https://direcionalescolas.com.br/os-resultados-do-pisa-reflexoes-sobre-a-educacao-no-nosso-pais/>>, visitado em 15/11/2018.

³ Alunos brasileiros não chegam ao fim de prova em avaliação mundial, disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/07/alunos-brasileiros-nao-chegam-ao-fim-de-prova-em-avaliacao-mundial.shtml>>, visitado em 20/11/2018.

⁴ Estrutura precária afeta o ensino, disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/estrutura-precaria-afeta-o-ensino-3fqdq2nmd0u7ym8mvdgbeq6/>>, visitado em 20/11/2018.

Essa pesquisa visa despertar a criatividade nos alunos, incentivando-os através da Literatura de Cordel formas artísticas na tarefa de produção dos folhetos. A Literatura de Cordel oportuniza ao professor trabalhar de forma interdisciplinar, contribuindo para que o aluno tenha interesse não só pela leitura, mas pela arte como forma de expressão.

Uma alternativa é implementar na sala de aula elementos que estejam ligados à cultura dos jovens, que os estimulem e os aproximem dos conteúdos de forma que a linguagem entre eles seja compartilhada. Nesse sentido, o *rap* mostra-se como um gênero musical que faz parte do cotidiano dos adolescentes, podendo correlacioná-lo com a Literatura de Cordel. Desta forma, pode-se aproveitar essa Literatura de Cordel junto a xilogravura contextualizada com a vertente da música e adaptá-las para as salas de aula.

Nesse contexto, esse trabalho expõe uma experiência com uma oficina de xilogravura realizada na escola Centro de Ensino Fundamental nº 04 do Guará, .D.F..Com o intuito de contar aos alunos a história da Literatura de Cordel e xilogravura, elucidando-os sobre a relação do Nordeste com o D.F., usando o *rap* como uma ferramenta de aproximação. A fim de ampliar o conhecimento teórico e prático, estimulando a produção artística de xilogravuras e folhetos de cordel.

1. OBJETIVOS

1.1. Objetivo Geral

Identificar a inclusão da Literatura de Cordel e da xilogravura em sala de aula através de uma oficina, abordando temas sobre a história do Cordel e a relação do Nordeste com Brasília, promovendo uma aproximação com a cultura popular.

1.2. Objetivos Específicos

- Trabalhar com a Literatura de Cordel e xilogravura em sala de aula, como recurso pedagógico.
- Apresentar ao aluno a diversidade linguística presente na literatura do cordel.
- Conversar sobre política e o cotidiano do espaço urbano.
- Despertar a criatividade dos alunos, incentivando-os através da Literatura de Cordel formas artísticas na produção dos folhetos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Um breve histórico da Literatura de Cordel

A Literatura de Cordel é uma poesia popular confeccionada em folhetos ilustrados através da técnica de xilogravura. Esse tipo de literatura veio para Brasil no século XVIII, e sabe-se que os primeiros folhetos de cordel de que se tem notícia no país são vindos de Portugal. Segundo Ruffini (2009), ainda se pode indicar a forte influência Ibérica na formação desse modelo de poesia popular. Esse tipo de narrativa foi aderida pela cultura e pelos artistas que cantavam seus repentes ao som de viola.

Atualmente, na região Nordeste pode-se encontrar essa literatura com baixo custo em feiras populares, e, geralmente, são comercializadas pelos próprios autores.

O termo “Literatura de Cordel” dá-se pela forma de comercialização, pois eram expostos em cordas nas feiras. Ruffini (2009, p.47), afirma:

“A Literatura de Cordel é produzida a partir da narrativa popular, inicialmente verbalizada e depois impressa em folhetos, os quais eram expostos para venda de forma original, dependurados em cordas ou cordéis ou expostos no chão”.

Essa literatura é bastante conhecida na região Nordeste, pela acessibilidade de preços e, também, pelo tom humorístico. Além disso, contam fatos da vida cotidiana da cidade ou da região. Os assuntos mais retratados nos livretos são as festas, secas, vida dos cangaceiros, disputas, brigas, milagres, política, morte de personalidades, entre outros.

Em regra o título é disposto no alto do folheto, em cor preta, e com ilustração embaixo - são coloridos e pequenos -. Por dentro possui versos que rimam e dão ritmo as histórias, que podem tanto relembrar clássicos da literatura ocidental, como causar risos devido à sátiras políticas. Assim, o cordel tornou-se símbolo de um tipo de literatura e parte da identidade cultural do povo nordestino.

Figura 2 - Livretos de Cordel



Fonte: *Site Para Educar*, 2016.

Os cordéis foram discriminados e não eram valorizados, pois eram produzidos por pessoas de baixa renda e sem titulações acadêmicas. Essa desvalorização cultural nacional pode-se relacionar com a imposição midiática inserida na sociedade, resultando na perda de identidade nacional. A Literatura de Cordel retrata a vida como ela é. Confeccionada de forma simples, como o povo que a elabora; não precisa de “elitismo” e alcança todas as classes sociais.

A Literatura de Cordel, no Nordeste, ganhou visibilidade devido ao contato com a cultura africana e sua comunicação, que era tipicamente oral. Posterior a isso, surgiu o formato impresso dessa literatura. Diferente dos livretos europeus, os formatos elaborados aqui não possuíam tanto detalhamento gráfico. As impressões eram feitas a partir de placas simples de madeira como matrizes e tinham como suporte papel de qualidade inferior.

A expressão cultural do Cordel está relacionada com o urbanismo e com a arquitetura local, pois retrata a vida cotidiana do povo nordestino e mostra aos leitores as experiências locais. O Urbanismo aborda estudos sobre a cidade, e a relação do indivíduo com o espaço em que vive. A Literatura de Cordel consegue transmitir o ambiente do espaço urbano, já que através de seus versos, registra traços típicos de um povo. Além disso, pode-se salientar que as ilustrações mostram desenhos de igrejas, pode-se identificar a maneira como o se construíam casas e fachadas.

Essa literatura identifica e caracteriza os problemas urbanos e como os poetas se apropriam dos lugares, passando a percepção desse espaço a partir de suas produções literárias. Mostrando, ainda, os fatos da cidade e contribuindo para que se conheçam o cotidiano, os costumes e as vivências das pessoas nesses espaços. Dessa forma, é possível ter uma nova compreensão do espaço urbano, sendo

apresentado de forma poética. Notando que as cidades passam por transformações ao longo dos anos, e, muitas vezes, são transcritas em textos literários.

No que se refere à educação, a cultura mostra-se fator de suma importância. Visto que, oferece ao processo educacional, com foco na Literatura de Cordel e na xilogravura, possibilidade de interdisciplinaridade entre os componentes curriculares como artes, literatura, sociologia, geografia e história. E unindo a poesia, gravura e protestos, essa literatura mostra uma interessante expressão da arte brasileira – um caldeirão cultural – pois a escola é uma entidade socializadora que deve incorporar as diversas culturas.

2.1.1. Principais cordelistas

Nas produções brasileiras da Literatura de Cordel, percebe-se que não houve uma preservação em suas fases iniciais, podendo ser observado na imprecisão de datas. Nos poucos folhetos que tem-se registros não há como saber se são de autores brasileiros ou reimpressão de cordéis portugueses. Entre o final do século XIX e o início do século XX, houveram cordelistas determinados a levar os versos, comumente cantados, para o papel.

Os cordelistas Leandro Gomes de Barros e Silvino Pirauá de Lima são tidos como pioneiros dessa literatura. O marco inicial da Literatura de Cordel é apontado quando Leandro Gomes de Barros publicou seus primeiros poemas. Nascido na Paraíba, em 1865, e falecido em 1918, durante sua trajetória publicou vários livretos e virou referência entre cordelistas até hoje. Segundo Mello (2016):

“Leandro Gomes de Barros foi o primeiro *poeta de bancada*, como popularmente eram chamados os que escreviam desafios literários ou folhetos de pelejas imaginárias, a impulsionar o desenvolvimento da produção cordelista no Nordeste brasileiro, apesar de não ser considerado, por muitos estudiosos, como o primeiro poeta a escrever cordel no Brasil. Luís Câmara Cascudo afirmou que o primeiro folheto publicado no Brasil, em fins do século XIX, foi o romance *Zezinho e Mariquinha* ou *A vingança do Sudão*, escrito pelo cordelista paraibano Silvino Pirauá de Lima. Já Sílvia Romero também fez referência à existência de um folheto que tratava sobre a Guerra do Paraguai, do ano de 1888, o qual do ano de 1888, o qual teria sido o primeiro cordel publicado no Brasil, escrito pelo poeta João de Sant’Anna de Maria.”

É nessa primeira geração de Leandro que apareceram outros grandes nomes do cordel, como João Melquíades Ferreira da Silva (1869-1933), João Martins de Athayde (1880-1959), Francisco das Chagas Batista (1882-1930) e José Camelo de Melo Resende (1885-1964).⁵ Na segunda geração surgiram vários cordelistas e tipografias especializadas em cordel.

Segundo grupo os cordelistas: José Pacheco da Rocha (1890-1954), João Ferreira de Lima (1902-1973), Manuel Camilo dos Santos (1905 -1987), José Soares (1914-1981), Manoel d'Almeida Filho (1914-1995), Rodolfo Coelho Cavalcanti (1919-1987), José João dos Santos ou “Mestre Azulão” (1932-2016) e Manoel Monteiro da Silva (1937-2014). Deste grupo, três até hoje ainda produzem, como José Costa Leite (nascido em 1927), Raimundo Santa Helena (1926) e Gonçalo Ferreira da Silva (1937)⁶.

Em cidades como Recife (PE), Salvador (BA) e, posteriormente, Juazeiro do Norte (CE), houve um grande fluxo no comércio e no turismo devido a importância da figura religiosa de Padre Cícero, em consequência, viraram grandes polos de produção e venda de folhetos.

2.2. Cordel como literatura de contexto jornalístico

Nos contos da Literatura de Cordel, encontram-se vários tipos de história, como: narrativas de amor, fábulas com animais como personagens e crônicas de anti-heróis malandros. Entretanto, essas produções eram, também, informativas, como observa-se nos escritos de Leandro Gomes e seus sucessores.

Havia poetas que comentavam fatos cotidianos como informativo de um jornal, esses eram denominados folhetos circunstanciais. Tais informativos relatavam a morte de um presidente, o resultado do jogo de futebol ou algum fato de grande impacto para a cidade.

^{5/6}- Os versos e traços da Literatura de Cordel. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/especial/2017/05/03/Os-versos-e-tra%C3%A7os-da-literatura-de-cordel>>. Acesso em 20 out. 2018.

A contribuição mais importante do cordel foi como jornal, sobretudo no meio rural. Como exemplo, tem-se o caso da passagem do cometa Halley, que esteve presente nos versos do cordelista Leandro Gomes, em 1910, tornando-se um fato histórico.

O cordelista paraibano José Soares, nascido em 1914, passou meados de sua vida no Rio de Janeiro e no Recife, tinha o hábito de escutar o noticiário pelo rádio ou assisti-lo pela TV, com bloco de papel e lápis à mão. Assim, Soares escreveu cordéis como:

*“Anistia Ampla e a volta de Arraes”
Câmara, Congresso e governo
Numa atitude bendita
Deram anistia aos políticos
Ampla, mas não irrestrita
Os políticos receberam
Com alegria inaudita*

José Gomes (1907-1964), conhecido como “Cuíca de Santo Amaro” gozava do prestígio de sua credibilidade entre os leitores desafiando seus inimigos com o peso que seus versos tinham.

*“Sou homem desassombrado
Sem ter medo de careta
Não pensem que ninguém
Me prende em sua gaveta
Quem assim o tentar
Sapeco-lhes a caneta”*

Em agosto 1954 Getúlio Vargas, após 19 anos (não seguidos) de governo, foi pressionado por militares. Com seu governo em crise assinou sua licença à frente do Poder Executivo e, em seguida, cometeu suicídio. O seu falecimento abalou grande parte da população. Com isso conseguinte, pôde-se notar que o fato se refletiu em cordéis como em “A morte do maior presidente do Brasil”, do paraibano Manoel D’Almeida Filho, publicado no mesmo ano.

*Morte de Getúlio Vargas
“Assim foi na madrugada
De vinte e quatro de agosto
Obrigado a assinar
Licença contra seu gosto
Cravando assim sua alma
Com o punhal do desgosto
Vendo rasgados os votos
De milhões de eleitores
E ele sem poder mais
Defender os sofredores*

*Preferiu a morte honrada
Que seguir os traidores”
“A morte do maior presidente do Brasil” (1954)-
Autor: Manoel D'Almeida Filho*

2.3. Presença feminina: *blog* Cordel de Saia

É possível notar que até o momento nesta pesquisa não foi citada nenhuma presença feminina entre os cordelistas, ilustradores ou xilógrafos. No início do século XX, na ausência de veículos de comunicação como televisão, rádio e jornais, os folhetos se espelharam pelo Nordeste e a mulher era retratada: como princesa (obediente e calada), mãe devotada, esposa exemplar e defensora da moral e bons costumes. O contrário disso representava um risco para a “família tradicional”. O contraponto abordado pelos poetas cordelistas era a prostituição, que segundo Miriam Mello em sua dissertação: “para exemplificar e exaltar a virtude e castigar as atitudes ‘inadequadas para uma mulher’, dessa forma fazia-se valer os valores da moralidade vigente.” (MELLO, 2016).

No século XX, em 1938, teve o primeiro registro de publicação de folheto de autoria feminina no Brasil. A cordelista paraibana Maria das Neves Pimentel publicou o seu primeiro cordel, chamado “O violino do diabo ou o valor da honestidade”, inaugurando as produções femininas. Porém, ela usava o pseudônimo de Altino Alagoano, esse cordel faz uma releitura do romance popular espanhol do século XIX, “O violino do diabo”, do autor Victor Pérez Escrich.

A cordelista usava o pseudônimo masculino por conta das rejeições à autoria feminina na época. e então, orientada pelo pai, o poeta e editor Francisco Chagas Batista, e pelo esposo, também poeta, Altino de Alencar Pimentel, a não divulgar no folheto o seu próprio nome. Dessa forma, teria mais aceitação popular. Porém, há de se observar que as primeiras composições femininas, reproduziam os valores acerca do mundo masculino. Segundo Melo (2016):

“As questões de gênero sempre fizeram parte do imaginário popular e, dentre as várias temáticas do cotidiano abordadas pela Literatura de Cordel, são recorrentes aquelas relacionadas ao universo multifacetado das relações de gênero. Assim, enquanto produto cultural inserido em contexto de dinâmicas mudanças sociais, os folhetos dão ênfase a acontecimentos que marcam épocas e exibem, tanto narrativas poéticas tradicionais calcadas no discurso patriarcal sobre as mulheres, uma vez que se trata de uma produção artística oriunda do Nordeste brasileiro, culturalmente machista, como apresentam em sua poética novos olhares sobre o feminino, tendo em vista as conquistas

femininas que se consolidaram, na contemporaneidade, após séculos de luta.”

Figura 3 - Capa do primeiro folheto de autoria feminina no Brasil.



Fonte: Acervo digital do CNFCP

Na década de 1970 publicações com nomes de poetisas apareceram de forma tímida. Havendo mudanças desse cenário apenas nos anos 2000, com o advento da internet.

Em outubro de 2009, houve o I Encontro de poetisas populares e rodas de cantoria, notando-se a produção feminina na Literatura de Cordel, com a presença de poetisas como Maria Rosário Pinto, Dalinha Catunda e madrinha Mena. A poetisa Dalinha apresentou o folheto *Saias no cordel, Papo de Mulher* e *As três Marias*. A partir desse encontro, deu-se origem ao *blog* Cordel de Saia, dedicado à produção feminina e criado pelas poetisas Dalinha e Maria Rosário. Com o *blog* também houve o início de um levantamento de várias autoras da Literatura de Cordel, que foram chamadas para participar de Cirandas poéticas. Então, com a ajuda de mídias virtuais, estas mulheres iniciaram debates *on-line*, com prosas e poesias.

A poetisa Maria de Lourdes Aragão Catunda, conhecida como Dalinha Catunda, é natural de sua Ipueiras, CE, de onde busca inspiração. Sua temática possui humor e criatividade. Suas obras transmitem uma criação temática versátil, composição e rima.

SAIAS NO CORDEL

*Sou poeta cordelista
Nascida lá no sertão.
Ipueiras é minha terra,
O Ceará é meu rincão.
Adoro ser nordestina.
Levo comigo uma sina,
Amar meu agreste chão.*

*Minha mãe fazia versos,
E gostava de declamar.
Foi professora primária,
Com ela aprendi a rimar.
Ter gosto pela cultura,
Abraçar a literatura,
E o velho cordel amar.*

*E assim me fiz mulher
Abraçando a poesia.
Meu mundo encantado
Era cheio de magia.
Talvez um pouco irreal.
Mas para mim era ideal,
Pois era o que eu queria.*

*A mulher abriu caminhos,
Díficeis de percorrer.
Pôs os pés na estrada.
Pra demonstrar seu saber.
Foi bem grande sua luta
Mas ficar sempre oculta
Impossível conceber.*

*Durante muito tempo
Fomos só inspiração.
Musa que os poetas,
Traziam no coração.
Sonhávamos ter um dia
Nossa popular poesia
Com farta publicação*

*Não estou insinuando
Que a mulher não atuava.
Ela já fazia seus versos
Apenas não publicava.
Mostrava sua alegria
Nas rodas de cantorias
E aplauso conquistava.*

*Apesar do machismo,
A mulher se aventurou,
Mesmo analfabeta,
Entrou na roda e cantou
Sem ligar pro: ora veja!*

*Encarando as pelejas
O homem desafiou.*

*No livro "Cantadores"
Pra minha satisfação
Conheci cantadoras.
Uma chamou atenção
Por ser bem animada,
E cheia de presepada,
Zefinha do Chabocão!*

*Pelo Nordeste afora,
Nas rodas de cantoria,
Rita Medeiros cantava,
Chica Barrosa se via.
Até Maria Tebana,
Agia naquelas bandas,
E aplauso garantia.*

*Quando a mulher decidiu,
Por imprimir seu cordel.
Foi nome masculino,
Que ela botou no papel.
Essas pobres criaturas,
Sofriam com a tortura,
Do patriarcado cruel.*

*Mas tudo modificou,
Hoje a coisa é diferente.
O cordel está em festa
E a mulherada presente.
Homem agora é parceiro
Até virou companheiro,
No cordel e no repente.*

*Hoje as cordelistas,
Assumem seu lugar.
Na Bahia, Pernambuco,
Paraíba e Ceará.
O Nordeste brasileiro,
Há muito virou celeiro,
De mulheres a versejar.*

*Pelos cantos do Brasil,
A mulher faz poesia.
Temos em Juazeiro,
A boa Salete Maria.
Que audaz em sua meta,
Tem postura correta,
E desbanca hipocrisia.
Na Paraíba temos,
Nelcimá de Moraes.
Mestra e cordelista.
É engajada demais.
Pesquisando o cordel,*

*A mulher e seu papel,
Em tempos medievais.*

*Já Josenir Lacerda,
Com Bastinha, é fato,
As duas são pioneiras
Da academia de Crato.
Trazem com devoção
O cordel no coração,
Dando a ele bom trato.*

*Tem Maísa Miranda,
É safra lá da Bahia.
Temos Ilza Bezerra
Recebendo honraria.
O cordel está crescendo
Mulheres aparecendo,
Saíste este novo dia.
Muitas mulheres agem
Neste mundo do cordel.
Ativas e anônimas
Respeito cada papel.
Mas pra falar a verdade,
A minha felicidade
É vê-las rasgando o véu.*

ALFORRIADA

*O tempo da servidão,
Lá no passado ficou.
Sua carta de alforria
A mulher já conquistou,
Hoje ela quer um parceiro
Não um dono e cativo
Este tempo já passou.*

*Quem tem os passos contados,
Quem tem antolhos e peia,
Não vive apenas padece
Invejando a vida alheia.*

*Pesquisadores buscam,
Nossa arte revelar
Cordel de boca em boca.
Chega a todo lugar.
Agora com a internet
Esta obra do Nordeste.
Ficará mais popular.*

*Eu sempre fui inquieta
E cheia de novidade.
Enxerida como que!
Para falar a verdade.
Amasiada com cordel,
Faço dele meu corcel,
E minha felicidade.*

*Sou Dalinha Catunda,
Não foi minha intenção,
Sobre o cordel feminino,
Fazer vasta explanação.
Só um parco recado:
Que se abra o mercado
Para nossa produção*

Autora: Dalinha Catunda

*Para falar a verdade
Desconhece a liberdade
Mas sabe o que é cadeia.*

*Quem fala alto quer grito,
Quem dá coice quer patada,
Assim diz minha cartilha
E por ela sou guiada.
Tenho meu discernimento
Conduzo meu pensamento
Não me vejo aprisionada.*

Autora: Dalinha Catunda

Maria Rosário Pinto, nascida na cidade Bacabal, (MA), teve o poema “Catalogação de Cordel” premiado no Edital Mais Cultura, Prêmio Patativa do Assaré, em 2010. A poetisa tem publicações, nesta linha de pesquisa de cordel, os títulos: O poeta e o folheteiro, A mulher e sua trilha, Nas asas do pavão misterioso e, em parceria com Dalinha Catunda, o Fuxico de mulher.

A MULHER E SUA TRILHA

*Divina musa! inspirai-me
Para narrar uma história
Que, os menestrelis me contaram.
Mulheres de amor e glória,
Ilustraram os romances
De beleza e vitória*

*Meus poetas cordelistas
Hoje, venho vos narrar,
As histórias do passado,
De princesas vou falar,
Vivendo encasteladas,
Querendo o amor desfrutar*

*E muitas destas princesas
Em noites de escuridão
Choraram por seus amores
Naquela horrível prisão
Sonhando contos de fadas
De amores e paixão*

*Mas isto foi lá na Europa
Aqui a vida é mais dura
Não há príncipe encantado
Somente a desventura
Marcada pelo cangaço
E um mundo de amargura*

*Sem desfrutar do amor
Mulheres, quase meninas,
Transformaram suas vidas
Num castelo de ruínas
Filhas de pais muito austeros
Amargaram tristes sinas*

*E quando se rebelavam,
Seus pais desorientados
Reféns da ignorância
Davam-lhes as costas, coitados!
Sem imaginar que um dia
Sem preconceito ou pecados*

*Aquelas mesmas mulheres
Que lutaram por amores
De suas prisões voaram,
Superando suas dores
Cantando e trabalhando
Desenvolvendo pendores*

*Com amor e com trabalho
Conquistaram seu espaço
Ampliaram os horizontes
Vivendo sob o compasso*

*Do pensamento liberto
Nunca pensando em fracasso*

*Nosso mundo evolui
Hoje a mulher determina
Que norte dará à vida
Mesmo sendo nordestina
Não carrega o estigma
Daquela pobre menina*

*Tristes tempos do passado
Quando as meninas caseiras
Sem muita oportunidade
Só casamento e canseiras
Cheias de filhos, coitadas!
Era muita trabalhadeira*

*Hoje ela tem profissão
Escolhe a vida que quer
Sem preconceito que diga
Se meretriz, ou qualquer!
Conquistou a felicidade
O orgulho de ser mulher*

*No mercado de trabalho
Conquistou sua projeção
Em outros tempos diriam
Isso é conversação
Num mundo tão masculino
É mesmo pura invenção*

*Estatísticas demonstram
Em percentual seguro
A mulher ultrapassou
Da universidade, o muro
Soma número relevante
Demarcando o seu futuro*

*Além de educadoras,
De propensões naturais
São cientistas, sim senhor!
Estudam mapas astrais,
Olhos observadores,
Nos círculos celestiais*

*Antes os olhos só viam
Estrelas de romantismo...
Indagam solenes, agora,
Sobre o ambientalismo
Não esquecendo sequer,
De estudar o ecologismo...*

*São mulheres engajadas
Crescendo junto com os filhos,
Os companheiros percebem*

*Na profissão os seus brilhos
À braços com suas mulheres
Têm que andar nos trilhos*

*Com o futuro garantido
E sempre pra frente olhando
Uma vida mais tranquila
Assim, vão assegurando,
Vivendo de seus trabalhos
Elas vão se orgulhando*

*São as mulheres de hoje
Cumprindo suas jornadas
São mães e profissionais
Caminhando nas estradas
Sustentando os seus lares
Amando e sendo amadas*

Autora: Rosário Pinto
Dedicado a Dalinha Catunda

Outra poetisa que pode-se citar é a Salete Maria da Silva, também cordelista, professora e advogada. Segundo a poetisa Maria Rosário, Salete possui uma poesia “emancipatória e contra preconceitos”. Os temas abordados em seus cordéis dão ênfase para as questões marginais e periféricas. Tem-se exemplos na abordagem de seus poemas quanto a questões sobre os direitos humanos, em especial, temas relativos às mulheres e grupos que a sociedade ainda marginaliza.

LUGAR DE MULHER

*Do ponto onde me encontro
Na janela dum sobrado
Daqui donde me defronto
Com meu presente e passado
Fico metendo a colher
Do ‘meu lugar de mulher’
Neste mundão desgarrado*

*Do meu ângulo obtuso
Num canto da camarinha
Afrouxo um parafuso
Liberto uma andorinha
Desmancho uma estrutura
Arranco uma fechadura
Desmonto uma ladainha*

*Reza a história do mundo
Que mulher tem seu lugar
É um discurso ‘corcundo’
E prenehe de blá-blá-blá
Eu que ando em toda parte
Divulgo através da arte
Outro modo de pensar:*

*Lugar de mulher é quarto
Sala, bodega e avião
Lugar de mulher é mato
Cidade, praia e sertão
Lugar de mulher é zona
Do Estado do Arizona
À Vitória de Santo Antão*

*Lugar de mulher é sauna
Capela, bonde, motel
Lugar de mulher é fauna
Terreiro, campus, quartel
Lugar de mulher é casa
Seja na Faixa de Gaza
Ou no Morro do Borel*

*Lugar de mulher é cama
Seresta, parque, novena
Lugar de mulher é lama
Escola, laje, cinema
Lugar de mulher é ninho
Dos becos do Pelourinho
Às águas de Ipanema*

*Lugar de mulher é roça
Riacho, circo, cozinha
Lugar de mulher é bossa
Reisado, feira, lapinha
Lugar de mulher é chão
Das ruelas do Sudão
Às veredas da Serrinha*

*Lugar de mulher é mangue
Deserto, vila, mansão
Lugar de mulher é gangue
Novela, birô, oitão
Lugar de mulher é mar
Das praias do Canadá
Ao céu do Cazaquistão*

*Lugar de mulher é ponte
Trincheira, jardim, salão
Lugar de mulher é fonte
Indústria, baile, fogão
Lugar de mulher é mina
Do solo de Teresina
Ao Morro do Alemão*

*Lugar de mulher é barro
Palco, metrô e altar
Lugar de mulher é carro
Camarote, rede, bar
Lugar de mulher é trem
Dos caminhos de Belém
À serra do Quicuncá*

*Lugar de mulher é show
Favela, brejo e poder
Lugar de mulher é gol
Ringue, desfile elazer
Lugar de mulher é creche
Das bandas de Marrakech
Às vilas do ABC*

*Lugar de mulher é serra
Obra, beco e parlamento
Lugar de mulher é guerra
Missa, teatro e convento
Lugar de mulher é pia*

*Das tendas de Andaluzia
À Santana do Livramento*

*Lugar de mulher é tudo
Por onde possa passar
Seja pequeno ou graúdo
Seja daqui ou de lá
Lugar de mulher é Terra
Mas não onde o gato enterra
O que precisa ocultar*

*Lugar de mulher é dentro
Mas também pode ser fora
Lugar de mulher é centro
Que a margem não ignora
Lugar de mulher é leste
Norte, sul, também oeste
De noite, tarde e aurora*

*De minha perspectiva
Mulher não tem 'um lugar'
Onde quer que sobreviva
Pode ser seu habitat
Lugares existem zil
Eu mesma sou do Brasil*

Autora: Salete Maria da Silva

2.4. A xilogravura

A Xilogravura é uma característica marcante da Literatura de Cordel. Essa técnica consiste em esculpir a madeira e depois o desenho é passado para o papel, ou seja, as partes altas que receberão a tinta é que vão imprimir a imagem no papel. No século XIX a xilogravura retratou nos livretos sátiras políticas, retratos, manchetes de noticiários, entre outras demandas urbanas. Essa técnica também foi utilizada para estampar rótulos de aguardente, cartazes, dentre outros. É uma técnica milenar, não se sabe quando e como essa técnica chegou ao Brasil. Especula-se que possa ter sido trazida pelos portugueses, porém, também há indícios que os índios já faziam uso desta técnica antes da colonização do Brasil.

“Segundo antigos relatos de viajantes, foi possível constatar em várias tribos o emprego de matrizes de madeira para imprimir, com tinta, desenhos ritualísticos na pele do corpo humano e, mais raramente, para estampar peças de indumentária. Mais de duzentas tribos indígenas, comprovadamente, utilizaram-se dessa técnica, destacando-se, pela destreza artesanal e pela variedade de modelos, os canelas, os apinajés e os xavantes.” (COSTELLA, 2003 p.50)

A técnica da xilogravura consiste inicialmente na seleção da espessura da prancha, que deve ter por volta de dois centímetros. A matriz para ter uma superfície lisa passa pelo lixamento e polimento. Após essa etapa inicia-se o processo de entalhe, e, posteriormente, a matriz é lixada mais uma vez. Em seguida, a matriz estará pronta para receber a tinta, que é espalhada sobre sua superfície, pintando somente o que está em alto relevo. A seguir coloca-se papel sobre a matriz e, com o auxílio de algum peso, exerce-se pressão sobre o papel.

As ilustrações das capas dos livretos tem fundamental importância, que é a de atrair os leitores. Essa característica permitia que o público não alfabetizado pudesse também entender a mensagem ali contida.

Os clichês de zinco (matriz produzida em zinco) foram ganhando espaço por terem o baixo custo e rapidez no manuseio, tornando a técnica artesanal pouco usual. Mesmo diante da perda de espaço no mercado de trabalho, os xilógrafos permaneceram exercendo essa atividade em grande escala até o século XX. Com a saturação da xilogravura ilustrativa, muitos artistas perceberam que deveriam traçar um novo caminho para a sua arte. A partir de então, tornaram a xilogravura uma forma de expressão artística, sem estar acompanhada dos poemas de cordéis. Resultando no deslocamento dos desenhos da capa do cordel para marcar presença em exposições de arte.

2.4.1. Artistas da xilogravura

A xilogravura quando “sai” dos livretos de cordel tornando-a uma arte independente, nos apresenta grandes artistas xilógrafos como o Mestre Noza (1897-

1983), José Costa Leite (1927-), Abraão Batista (1935-), Jerônimo Soares (1935-), Jota Barros (1935-), J. Borges (1935-) e Ciro Fernandes (1942-)⁷.

- Mestre Noza (1897-1983)

Considerado um dos precursores da xilogravura no Nordeste, o pernambucano Mestre Noza (1897-1983) inicia sua vida artística na gravura fazendo rótulos de marcas para aguardente. No início da década de 1960 realizou as séries de xilogravuras *Vida de Lampião* e *Os Doze Apóstolos*, mais tarde editadas pelo Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. Foi o autor de obras como a *Via Sacra*, e sua primeira mostra foi parar em Paris, na década de 1960. E também ficou conhecido por produzir esculturas de madeira em seu ateliê, que ficava na cidade Juazeiro do Norte no Ceará.

Figura 4 - Xilogravura feita por Mestre Noza



Fonte: Site: Olho Latino, (2018).

- José Costa Leite (1927-)

José Costa Leite nasceu no estado da Paraíba, iniciou na arte da Literatura de Cordel e xilogravura quando ainda era jovem. Em dezembro de 2006, recebeu o título

⁷- Os versos e traços da Literatura de Cordel. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/especial/2017/05/03/Os-versos-e-tra%C3%A7os-da-literatura-de-cordel>>. Acesso em 20 out. 2018.

de Patrimônio Vivo de Pernambuco. É um dos mais importantes e conceituados xilógrafos, ou gravuristas, do Brasil.

Figura 5 - Xilogravura de Costa Leite

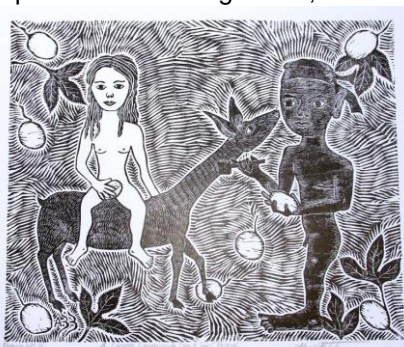


Fonte: Site: Acorda Cordel. Blogspot. (2011).

- **Abraão Batista (1935-)**

O cearense Abraão Batista, nascido em 1935, foi aprendiz da técnica da xilogravura com Mestre Noza. É formado Farmacêutico Bioquímico pela Universidade Federal do Ceará, e atuou como docente no ensino da Física de Desenho Geométrico e Projetivo, Ecologia e Biofísica. Apesar da vida acadêmica, também fazia produções artísticas e tornou-se um representante da Literatura de Cordel, escrevendo e ilustrando os seus próprios folhetos.

Figura 6 - Xilogravura de Abraão Batista, Caipora e Saci - xilogravura, 62x73cm



Fonte: Site: Galeria Brasileira, (2017).

- Jerônimo Soares (1935-)

Nascido em Pernambuco, Jerônimo aprendeu a arte da xilogravura com apenas 12 anos. Sua técnica consiste em desenhos feitos em matrizes de madeira, usando pontilhado feitos com pontas de agulhas. Suas obras têm como características retratar famílias humildes do povo nordestino. Suas pinturas já foram publicadas em países da Europa em Portugal, Inglaterra, França, Suíça; na América, nos Estados Unidos e Canadá; e na Ásia, no Japão.

Figura 7 - Xilogravura de Jeronimo Soares



Fonte: Site: Abc do Abc, (2014).

- Jota Barros (1935- 2009)

O pernambucano João de Barros, também conhecido por “J. Barros”. Dedicou a sua vida à arte da poesia de cordéis e xilogravuras, de onde provinha a sua renda. Além de poeta, foi repentista, e participava das cantigas de improviso acompanhadas do som da viola.

Figura 8 - J. Barros, Retirante
– xilogravura P.A. 18x13 cm (1976).



Fonte: Galeria Suprema (2015).

- J. Borges (1935-)

José Francisco Borges, conhecido como J. Borges é pernambucano nascido em Bezerros. Está dentre os xilogravuristas nordestinos que retrata o cotidiano do Nordeste e o imaginário popular. Iniciou sua produção xilográfica na década de 1960. Já chegou expor suas obras em vários países da América Latina e Europa.

Figura 9 - Xilogravura do artista J.Borges. “Moça Roubada”



Fonte: Site: EBC, (2013).

- Ciro Fernandes (1942-)

Ciro Fernandes nascido na Paraíba, em 31 de janeiro de 1942. Começou a desenhar ainda criança, pintando nas paredes da casa dos seus avós. Quando jovem

foi morar no Rio de Janeiro e na feira de São Cristóvão, local de forte influência da cultura nordestina, começou a fazer xilogravuras para os poetas de cordel.

Figura 10 - *Ciro Fernandes, Forró, xilogravura (1978).*



Fonte: Pinterest, (2018).

2.5. O cordel e memórias candangas

O povo nordestino sempre teve uma relação íntima com Brasília, afinal, além da busca de trabalho, também existia uma expectativa de mudança e esperança de uma nova vida aos seus moradores. Na realidade, os trabalhadores, de uma forma geral, mesmo que oriundos de outras regiões do Brasil passaram a fazer parte dessa expectativa e projeto de “nacionalidade” que iria mudar o rumo da história do Brasil. Pode-se constatar isso na frase escrita em 1959 pelos trabalhadores nas paredes do subsolo do Congresso Nacional: “*Só temos uma esperança nos Brasileiros de amanhã. Brasília de hoje, Brasil amanhã*”⁸. Nota-se, a partir dessa frase, a esperança de transformação social que Brasília representaria.

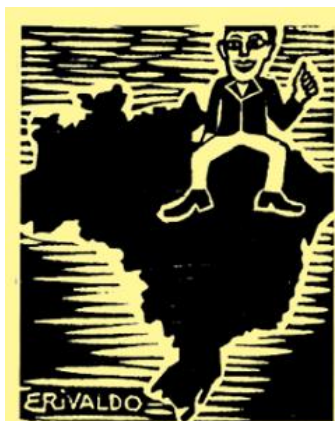
Da construção até a inauguração de Brasília, houve comoção nacional. Surgira nos brasileiros um misto de orgulho e esperança de desenvolvimento social. Porém,

⁸ Frases escritas pelos trabalhadores em 1959, nas paredes do subsolo do Congresso Nacional, encontradas em 2011. Fonte: <http://www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/anais/trabalhos_completos/277-13192-20092017-143513.pD.F.>, visitado em 25/10/2018.

também havia sentimento de insegurança, ou, até mesmo, de insatisfação quanto as incertezas sobre essa empreitada, do, até então, presidente Juscelino Kubitschek. O paraibano Paulo Nunes Batista, é um dos que vibraram a favor da construção da nova capital em seu cordel “ABC para Brasília”, que foi publicado em 1960 no mesmo ano de fundação da cidade.

*ABC PARA BRASÍLIA
(1960)
És, Brasília, a capital deste "país do futuro"
Brasil, cujo grande povo
já não tateia no escuro
e marcha, firme, sem medo
nas próprias forças, seguro
Autor: Paulo Nunes Batista*

*Figura 11 - Nasce Brasília- Nasce Brasília.
Xilogravura de Erivaldo Ferreira da Silva.*



Fonte: NEXO Jornal, (2017).

Apesar da euforia da população acerca da construção de Brasília, existe um “outro lado da história”. Lado esse que a historiografia oficial de Brasília não comenta com frequência: o período da “Erradicação” das invasões. Observa-se no documentário do diretor César Mendes, chamado “Invasores ou excluídos?”⁹, esse “outro lado”, pois retrata como iniciaram-se as primeiras favelas no Distrito Federal, e como deu-se o início das cidades satélites. À época da construção de Brasília, o governo aspirava que os operários voltassem às suas cidades ao término das obras, porém, os trabalhadores instalaram-se na nova cidade, contrariando as expectativas governamentais.

Os operários que trabalharam arduamente para que Brasília ficasse pronta em menos de cinco anos, depararam-se com o seguinte cenário: desprestígio para com

⁹- Documentário “Invasores ou excluídos?”, do diretor César Mendes, é uma produção da UnB de 1989.

os operários , pois assim que a Brasília foi finalizada, foram alocados em cidades improvisadas, que tornariam-se as cidades satélites– Núcleo Bandeirante, Ceilândia, cujo nome veio da sigla CEI – Campanha de Erradicação de Invasores.

No folheto de cordel de Manoel Raimundo, “Ceilândia, cidade em flor”, o poeta mostra a narrativa dos primeiros anos de Ceilândia, falando sobre a transferência dos moradores da favela IAPI para a cidade:

CEILÂNDIA, CIDADE EM FLOR

*Senhores mais uma vez
Com Jesus que nos auxilia
Eu falo sobre a mudança
Com muitos pais de família
Das favelas pra Ceilândia
A caçula de Brasília.
Os barracos eram estrepados
Parecendo até quixo
Os moradores enfurnados
Parecendo um moco
Precisavam ser mudados
Pra ter uma vida melhor.*

*O povo vivia amontoado
Precisavam espalhar
Pra viver mais sossegado
Cada um em seu lugar
Pra criar seus filhos amado
Precisavam de um lar.*

*Antigamente eram vilas
Mas hoje estão transformando
Em uma cidade decente
Com pessoa civilizados
Brasília, Brasil pra frente
A nossa pátria adorada.*

Autor: Manoel Raimundo

Nota-se que o cordelista, ressalta as vantagens da mudança das pessoas que moravam nas favelas para a nova cidade. Seus versos mostram uma Ceilândia projetada pelo desejo dos moradores, ou seja, um lugar onde teriam uma casa e sem os conhecidos problemas de habitação. Se nesse contexto, o cordel “Ceilândia, cidade flor” nos mostra esperança de um lugar melhor, já em “TERRACAP contra a Ceilândia”, do cordelista Joaquim Bezerra da Nóbrega, nos mostra uma outra visão. Nesse cordel ele conta um pouco da história de Ceilândia evidenciando as suas insatisfações.

Percebe-se o engajamento político presente no cordel de Joaquim Bezerra. Vale salientar que a produção desse cordel e de outros com essa temática começam aparecer no mesmo momento que no país surgiam os movimentos pelos direitos dos cidadãos, como por exemplo, a luta pela participação do povo na política.

TERRACAP CONTRA A CEILÂNDIA

*Leitores eu vou contar
Prestem bastante atenção
O que está acontecendo
Com parte da população
É o povo da Ceilândia
Que sobre grande aflição.*

*Foi feita a remoção
Que todo mundo esperava
Pois ter o seu próprio lote
Com isto todos sonhavam
Porém agora é que veio
O que ninguém aguardava.*

*Quando chegamos em Ceilândia
Todo mundo era contente
Para limpar o seu lote
Todos faziam frente
Hoje veio a TERRACAP
Deixar triste toda gente.*

Agora eu quero falar

*O que vem apavorando
Todo este pessoal
Que aqui está morando
É o preço que a TERRACAP
Por os lotes vem cobrando.*

*Tinha promessa de tudo
Que não ia nos faltar nada
Viemos todos tranqüilos
Confiando na moçada
Mas quando chegamos aqui
Achamos mato e mais nada.*

*Os INCANSÁVEIS moradores
Estão lutando pra valer
Com a união de todos
A gente pode vencer
Com a ajuda do povo
Tudo se pode fazer.*

Autor: Joaquim Bezerra da Nóbrega

Percebe-se, então, o cordel como uma literatura de protesto e também como uma expressão de registro de memória.

As representações sociais podem ser percebidas na Literatura de Cordel, segundo, (BARROSO, 2006):

Os versos desses poetas mostram os significados das experiências por eles vividas no Nordeste, em Ceilândia e no D.F.. As suas práticas sociais e individuais são imagens presentes nos versos cantados ou escritos. Enfim, a literatura expressa os sonhos, as crenças, as esperanças, as dores, as decepções, os sofrimentos e o modo de pensar desses migrantes.

No Distrito Federal, nota-se a forte influência da cultura nordestina. Em Ceilândia, cidade que concentra um grande número de pessoas da Região Nordeste, existe um espaço chamado Casa do Cantador. O local é considerado o mais importante reduto da cantoria e da Literatura de Cordel do D.F..

A história da Literatura de Cordel no D.F. e da Casa do Cantador tem uma relação estreita, com o desenvolvimento da cidade de Ceilândia e Brasília. Na história oficial nota-se que há uma exclusão do homem comum. Quando estudamos sobre o processo de construção de Brasília, praticamente não ouvimos a versão dos

candangos que vieram para trabalhar na construção da capital. Segundo (BARROSO, 2006):

O discurso da história oficial, em geral, exclui o homem comum, privilegia os heróis, as batalhas, as grandes conquistas. A Literatura de Cordel, entretanto, dá visibilidade aos sujeitos comuns, no caso do D.F., a trabalhadores que migraram em busca de um sonho: melhorias das condições de vida. Os cordéis cantam e contam memórias e histórias de coisas miúdas do dia-a-dia de suas vidas e que muitos gostariam de ver silenciadas.

Contudo, é possível perceber através dos cordéis, um resgate das memórias candangas, dos costumes e fatos que não são contados na história oficial de Brasília.

2.5.1 Casa do Cantador

A Partir da Campanha de Erradicação de Invasões, promovida pelo governo do Distrito Federal, a maioria dos cidadãos, dessas invasões, foram alocados em Ceilândia (CEI – prefixo do nome da cidade). A nova cidade proporcionou aos cantadores se conhecerem e se organizarem em relação aos pares; se agrupavam e realizavam as apresentações nos bares e vielas. Segundo (NASCIMENTO, 2014):

A partir disso, vários repentistas, entre eles Donzílio Luiz e o poeta Gongon, começaram a discutir a possibilidade de intermediar junto ao governo do Distrito Federal um terreno para uma futura instalação fixa para a profusão da cantoria, gerando conforto a todos, e garantia de estabilidade da cultura nordestina em Ceilândia, por ser uma cidade que começava a se consolidar para a arte devido ao agrupamento de um número considerável de cantadores, deixando as dificuldades, os bares e locais anteriormente improvisados para a realização do repente.

Houve uma mobilização dos poetas, liderado pelo poeta Gongon, segundo (NASCIMENTO, 2014):

A mobilização dos poetas começava a surtir efeitos positivos e a galgar resultados satisfatórios. Liderando a turma surge o poeta Gongon, presidindo a Federação Nacional das Associações de Cantadores Repentistas e Poetas Cordelistas (FENACREPC) em 1985 segundo alguns relatos de Donzílio Luiz, com influência e acesso às autoridades governamentais da época, fator determinante para o alcance da voz dos poetas cantadores aos ouvidos dos governantes. Através desse contato político, ficou mais fácil o conhecimento da solicitação oficial perante o Estado, e a viabilidade de garantia da idealização e construção de um centro voltado para as manifestações artísticas nordestinas, com preponderância do repente. Uma caravana foi até a residência oficial do governador, segundo Donzílio Luiz, em Águas Claras, e o responsável pelo Distrito Federal assegurou aos poetas a construção da Casa do Cantador. (...)

A edificação moderna da Casa do Cantador foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, sendo essa a única obra de Oscar Niemeyer, em Brasília, fora do Plano Piloto. Na inauguração, em 09 de novembro de 1986, ocorreu um grande evento, com um público expressivo. Nessa data também compareceu um significativo número de cordelistas, autoridades e a presença da imprensa. Desde então, o local tem sido palco de diversas manifestações culturais, apresentações de artistas da cultura nordestina, como cantores de repente e embolada. Na biblioteca do espaço, que possui o nome de Patativa do Assaré, há grande acervo de cordéis, entre eles exemplares de Jorge Amado e Ariano Suassuna.

Figura 12 - Casa do Cantador.



Fonte: Mapa da cultura D.F. (2018).

Figura 13 - Casa do Cantador.



Fonte: Brasília Memória e Invenção, (2018).

2.5.2 Academia Taguatinguense de Letras (ATL)

Outro local de incentivo à cultura de cordel é a Academia Taguatinguense de Letras (ATL), fundada em 1986. Oferecendo oficinas de cordel, projeto desenvolvido pela academia em parceria com entidades de ensino e de cultura. Lá o aluno aprende a história do cordel, a prática da xilogravura e do folheto impresso e a escrever poesia. O local também promove atividades de incentivo ao hábito da leitura, contando com o evento chamado Beco das Letras. Em 2013, a Academia foi tombada como Patrimônio Cultural, Material e Imaterial do Distrito Federal, pela Lei 5159/13¹⁰.

Figura 14 - Academia Taguatinguense de Letras (ATL).



Fonte: Jornal Telescópio.Blogspot. (2012).

O cordelista Gustavo Dourado, que também é escritor, professor e produtor cultural é o presidente do lugar. Publicou centenas de folhetos, tornou-se referência na Literatura de Cordel não só no D.F., pois sua obra foi estudada em várias universidades do Brasil e do exterior. Baiano, desde a infância recebia influência dos cantadores repentistas e de poetas cordelistas da sua cidade natal. Dourado, em sua produção “Brasília 5.0 Antologia de Cordel”, para os 50 anos de Brasília, fez a apresentação de 50 biografias de figuras candangas ligadas à literatura e à arte. Reside no D.F. há mais de 30 anos. Pode-se conferir produções do poeta homenageando algumas cidades da região, como Taguatinga e Brasília. A seguir *Cordel Para Brasília*:

¹⁰- Lei nº 5.159, de 21 de agosto de 2013: Declara a Academia de Letras de Taguatinga como Patrimônio Cultural Material e Imaterial do Distrito Federal. Autoria do Projeto: Deputado Benedito Domingos, disponível em: <http://www.tc.D.F..gov.br/SINJ/Norma/74898/Lei_5159_21_08_2013.html>, acesso em 10 jan. 2019.

*A Capital da Esperança
Tornou-se Realidade
De um sonho de Dom Bosco
À grandiosa Cidade
Por JK construída:
Dia a dia nos invade...*

*Brasília surgiu a esmo?!
Seu nome foi registrado
Em 1822...
Em artigo publicado
Na Tipografia Rolandiana:
Por oculto deputado...*

*Deputado desconhecido
A Brasília o nome
Adiamento à Constituição
A história assim se deu
Logo no primeiro artigo:
Nossa Brasília: nasceu*

*Brasília era nome corrente
Bonifácio persistiu
Propôs a Nova Capital
Preconizou: Anteviu
O lindo nome de Brasília
Ele também sugeriu...*

*2 de outubro de 56
JK aqui desceu
Com Lott, Lúcio e Israel
O Cerrado percorreu
Ernesto, Néelson, Balbino:
O fato assim aconteceu...*

*JK com entusiasmo
Veio ao Planalto Central
Trouxe Régis e Oscar
Adentrou-se ao matagal
Onde é o Catetinho:
Raiz da nossa Capital...*

*Na primeira comitiva:
Veio Bernardo Sayão
Governador Ludovico
Deu apoio à construção
O Altamiro Pacheco
Teve participação*

*Esteve lá no Cruzeiro
Perto do Memorial
Deixou a marca da luz
No centro do Capital
Café na Fazenda Gama
À vontade no quintal*

*Lúcio Costa rabiscou
Ave-cidade-avião
Passarinho-borboleta
Libélula em evolução
Um voo extraordinário:
No Planalto da Nação...*

*A cidade foi sonhada
Por profetas, visionários
Poetas a anteviram
Muitos a preconizaram
JK a construiu:
"Anjos" a eternizaram*

*Era um vale vastíssimo
Torto, Gama, Bananal
Vicente Pires: Riacho Fundo
Bela Água Mineral
Era o Sítio Castanho:
Hoje é nossa Capital...*

*Havia fazenda de gado
No meio do Planalto Central
Um descampado sem-fim
Cerrado monumental
Agora é uma Alvorada:
Nave do transcendental*

*Nascente de três bacias
No Planalto da Nação
Águas Emendadas é:
As veias do coração
As artérias de Brasília:
Devem ter preservação...*

*"Vale convexo" de Belcher:
Rios Preto e Descoberto
Talvegue do Santa Rita
Na vastidão do incerto
Criou-se o Paranoá:
Na imensidão do deserto...*

*O Lago Paranoá
É o nosso Pantanal
Linha D'água: Cota Mil
É vida para a Capital
40 km de compasso:
Aquífero monumental...*

*O Lago Paranoá
Melhorou a umidade
5km de largura
35 m de profundidade
600 milhões de m3*

Banham a nossa cidade

*Colosso da arquitetura
Urbi revolucionária...!
Homem deitado e em pé:
Congresso – Rodoviária
Megalópolis do Planalto
Epopéia visionária*

*Cidade-mater do Brasil:
Um orgulho nacional
Feito Londres sertaneja
Jerusalém Tropical:
É a Roma do Cerrado:
Às do Planalto Central...*

*Brasília teve (tem) inimigos
Ferrenhos adversários
Venceu os seus oponentes
Na saga dos operários
Servidores bandeirantes:
Persistentes visionários*

*Candangos e engenheiros
Pedreiros e arquitetos
Obreiros de uma Nação
Futuro e destino incertos
Sertanejos resistentes
Desbravadores: honestos...*

*Nova Capital do Brasil
Comissão de Localização*

*Marechal José Pessoa
Comandou a Direção
Ernesto Silva na Equipe:
Saúde, Arte-Educação...*

*24 de setembro de 1956
Novacap em ação
Israel Pinheiro da Silva
Engenheiro Bernardo Sayão
Ernesto Silva, Iris Meinberg:
São heróis da construção...*

*Aos candangos da Brasília
Rendo a minha homenagem
Com suor, sangue e poesia
Em um linda mensagem
Construíram a nave-mãe:
Em permanente viagem...*

*Brasília hoje é um polo
Pulsa criatividade
Poesia à flor da pele
Nas artérias da Cidade
Os candangos são heróis:
Bandeirantes de verdade...*

*Há de tudo por aqui
Espaço-multiplicidade
Arquitetura inovadora
Sonhos: engenhosidade
A Capital do Brasil
Dá asas à Liberdade...*

Dourado venceu o Prêmio Culturas Populares 2018 do Ministério da Cultura, com o tema "O Cordel e a Literatura na Comunidade". A premiação adveio com o intuito de fortalecer as expressões culturais populares brasileiras, tais como o cordel, a quadrilha, o maracatu, e o bumba-meu-boi, entre outros. O poeta ficou entre os três mais bem colocados da região Centro-Oeste, representando o D.F.. Uma das produções do escritor é o livro "Cordelos", um apanhado de 57 cordéis dedicados a grandes nomes da literatura brasileira e mundial.

2.6. Cultura popular e arte e educação

A cultura é um conjunto de saberes, ou seja, são crenças, costumes e tradições de determinado povo, como exemplo a dança, culinária, literatura, música, teatro, religião e dentre outros. Segundo o documento gerado na 25ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco): “define-se, conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social”.¹¹ Segundo Rameh (2008, p.79): “Acreditamos que a cultura popular faz parte do cotidiano das pessoas, ou seja, da vida dos seres humanos, independente da classe social.”

Seguindo esse entendimento, os educadores precisam compreender esses valores, essas raízes culturais. Para que sejam destacadas em sala de aula resgatando essas tradições, abrindo caminhos aos educandos para que possam conhecê-las e valorizá-las. Valorando a memória cultural e contribuindo para a formação da identidade brasileira.

É preciso que a escola reconheça a diversidade cultural como parte da identidade nacional. Trabalhar com a arte e a cultura brasileira na educação é oferecer caminhos para a construção da identidade individual e coletiva, resultando valores que vão além dos que são mostrados pelos meios de comunicação de massa.

Em virtude dessa relação nordestina com o D.F., a intenção deste trabalho de pesquisa é discutir e fomentar no ensino a importância da Literatura de Cordel como expressão da cultura popular. Trabalhando a literatura com artes visuais, contribuindo para que os educandos possam perceber, através dos poemas e gravuras que o cordel pode ser um meio de expressão. É preciso que o professor conheça a realidade em que seus alunos vivem. Assim, poderá obter melhores resultados relacionando experiências do cotidiano social e raízes culturais, resultando em uma educação que desperte o senso crítico no o aluno.

Por isso é importante ter entendimento do que é a representatividade brasileira. Nesse sentido, aproveita-se a Literatura de Cordel e a xilogravura, adaptando-as para

¹¹. Entenda o que é cultura popular e suas diferentes manifestações, disponível em: < <http://culturaspopulares.cultura.gov.br/entenda-o-que-e-cultura-popular-e-suas-diferentes-manifestacoes/>>. Visitado em: 01/02/2019.

as salas de aula, tornando essa literatura mais atrativa para os alunos, visto que o cordel e o repente possuem relação, e são próximos, estruturalmente, do rap, gênero musical apreciado pelos jovens.. O ponto de convergência entre os três são as rimas. Essa forma de ensino contrapõe-se à “educação robotizada” visto que, caso os educandos não sejam estimulados de forma que os aproximem dos conteúdos, resultando na falta de voz e pensamento crítico do aluno, e, conseqüente perda de interesse pela aula.

Como mencionado: o cordel é uma literatura expressada através das rimas colocadas em folhetos e conta histórias reais ou fictícias. Em contraponto, o repente possui uma construção através do improviso cantado e acompanhado por um pandeiro e viola, dando origem a um duelo entre dois trovadores, que cantam em seus versos sobre temas diversos, que, originalmente, eram temas sobre o cotidiano nordestino.

O *rap*, o mais popular dos estilos aqui citados, originou-se nos Estados Unidos, e foi difundido para outros países, inclusive no Brasil. Assemelha-se ao repente, por ser um discurso com rimas e poesias, podendo ser interpretado *à capella* ou com som de fundo, o chamado *beatbox*. Esse estilo musical, através de suas rimas e batidas, expressa a realidade social dos moradores das favelas ou guetos.

Ao utilizar o cordel como recurso pedagógico é possível despertar no educando seu processo criativo, e dar voz às camadas populares para que possam contar as suas próprias histórias.

3. METODOLOGIA

Este estudo baseou-se na abordagem qualitativa, pois sabe-se que a interpretação a partir de princípios e termos em questão são o que tornam variáveis, independentes e possíveis de uma predição e controle dos eventos observáveis. Logo, esta averiguação possui caráter exploratório, por meio de uma pesquisa de campo em uma escola pública do D.F.. Pretende-se, com esse, demonstrar os procedimentos metodológicos do tipo de pesquisa utilizado. Para um melhor entendimento cabe contextualizar o tipo de pesquisa escolhida, segundo Godoy (1995, p.58):

De maneira diversa, a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Nesse trabalho, o tipo de investigação selecionada para fazer a pesquisa qualitativa delimita-se como exploratória. Sobre os meios de investigação, foi optado pela pesquisa de campo, segundo Vergara (2009, p.43): “investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não”.

3.1. Cenário da pesquisa

No que se refere a parte prática da pesquisa, foi feito uma oficina de xilogravura desenvolvida com os alunos do Centro de Ensino Fundamental 04, Guará – D.F.. A maioria dos estudantes reside na Estrutural, cidade que possui grande número de famílias em estado crítico¹².

¹² São avaliados aspectos que variam desde a renda até o tipo de moradia que essa parcela da população ocupa. Fonte: Texto para discussão: Índice Multidimensional de Pobreza (Imp): As Dimensões da Pobreza no Distrito Federal e suas Políticas de Enfrentamento, disponível em: <<http://www.codeplan.D.F.gov.br/wp->

A cidade Estrutural originou-se de uma invasão de catadores de lixo, próximo ao antigo aterro sanitário do Distrito Federal que foi considerado o maior da América Latina e o segundo do mundo, com 200 hectares de área, sendo desativado em janeiro de 2018.

As pessoas eram atraídas para essa localidade em busca de meios de sobrevivência, e foram construindo ali seus barracos para moradia. Segundo dados da Codeplan, o levantamento dos residentes da Estrutural, 47,55% do contingente populacional é nascido no Distrito Federal, enquanto 52,45% são constituídos por imigrantes. Do quantitativo total de imigrantes, 70,09% são naturais do Nordeste; 14,32%, do Centro-Oeste (menos D.F.). O estado da Bahia é o mais representativo, 22,97%, seguido por Piauí, 18,01% e Maranhão, 16,26%¹³.

A cidade possui apenas quatro escolas em funcionamento para toda a comunidade. Por isso, a maioria crianças e adolescentes são deslocados para o Guará, Plano Piloto e Cruzeiro. Dentro desse contexto, a justificativa para a escolha de uma escola de ensino público no Guará se dá pelo fato que circunscreve a monografia, a saber: a construção de identidade. Ora, se a cultura de Literatura de Cordel disseminada no D.F. é produto de sujeitos nordestinos que possuíam pouca oportunidade econômica, ou seja, era o resultado da atividade do próprio trabalhador, faz-se necessário um paralelo com sujeitos que, mesmo sendo de épocas diferentes estejam no mesmo contexto.

Nota-se que a equipe pedagógica é aberta à novas propostas, a fim de estimular o aprendizado dos alunos. A escola supracitada ofereceu à pesquisadora desse trabalho a oportunidade de, a qualquer tempo, poder executar, quantas vezes fossem necessárias, a prática que se faz presente neste estudo final de curso.

A intenção da oficina é fazer com que os estudantes conheçam e respeitem a variedade linguística e cultural como expressão artística do povo além de reforçar a noção de identidade e o sentimento de pertencimento.

content/uploads/2018/02/TD_6_As_Dimensões_da_Pobreza_no_D.F._e_suas_Políticas_de_Enfrentamento.pD.F .>. Acesso em 15/01/2019.

¹³- Dados da Codeplan: Pesquisa Distrital por Amostra De Domicílios - SCIA-Estrutural - PDAD 2015. Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), apresenta estatisticamente diversas Regiões Administrativas do Distrito Federal, para atualizar as informações sobre o perfil socioeconômico dos moradores. É um instrumento de planejamento das ações governamentais. Disponível em: <<http://www.codeplan.D.F..gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Estrutural.pD.F.>>. Acesso em 20/01/2019.

3.1.1. Sujeitos objetos da Pesquisa

A oficina foi trabalhada com os alunos do 7º e 8º ano e mais uma turma de aceleração de 8º/9ºano do ensino fundamental. Nas turmas de 7º e 8º ano haviam cerca de 30 alunos e na de aceleração havia 20 alunos aproximadamente.

Para apresentar a atividade aos estudantes foi perguntado se alguém era nordestino ou possuía algum parente da região do Nordeste, muitos levantaram a mão. Então iniciou-se a oficina sendo falado da forte relação do Nordeste com Brasília, e um breve histórico sobre o cordel e a construção de sua poesia e sua similaridade com *rap*. Foram expostos alguns livretos para que os alunos se familiarizassem, pois a sua grande maioria ainda não conhecia a poesia de cordel. A fim de dinamizar a oficina, foi tocado um *rap*, produzido pelo *rapper* Rapadura, intitulado: “Norte Nordeste Me Veste”, (anexo II).

Depois da música, foi explicado como era uma a oficina de xilogravura e pedido para que fizessem algum desenho que representassem o seu cotidiano e, se possível, escrever um poema que simbolizasse algo da própria vivência. A maioria optou em fazer apenas a gravura, havendo pedidos para executar mais de uma ilustração. De acordo com o pensamento Bakhtin (1895-1975), é possível a compreensão do sujeito, de sua história e vida cotidiana, por meio dos textos que ele produz. Essa compreensão é passada para o outro na comunicação, através de signos compartilhados.

Através da oficina, foi possível perceber o entusiasmo dos alunos perante suas produções. A arte se mostra como uma ferramenta importante de autoconhecimento e autoestima, resgatando através dela o potencial criativo e ressignificando vivências.

3.1.2. Técnica aplicada

A técnica ensinada aos alunos é simples. Usa-se um pedaço de EVA, tinta guache preta, rolinho de espuma e papel sulfite, (as cores escolhidas foram rosa e verde, para imitar um livreto de cordel). Foi pedido aos alunos que desenhassem com um lápis comum, ou lapiseira, no pedaço de EVA, e, depois, com o rolinho de espuma, coberto de tinta, passassem em cima do desenho, com cuidado, para não preencher

os sulcos, pois se isso acontecesse, o resultado de carimbar o papel não funcionaria. Segue imagens:

Figura 15 - O aluno desenhou no EVA



Fonte: Arquivo pessoal. Souza (2018).

Figura 16 - Desenho produzido pelos alunos, matriz e gravura.



Fonte: Arquivo pessoal. Souza (2018).

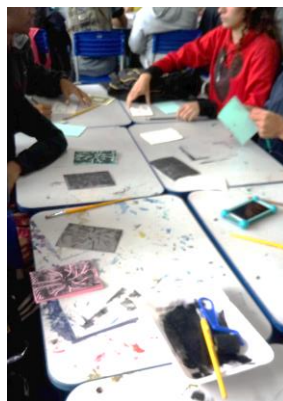
De maneira geral, o resultado da atividade desempenhada foi positivo. Para evidenciar a tarefa ocorrida no CEF 04, fruto do objeto de investigação desse estudo, foram produzidas imagens de todo o processo criativo.

Figura 17 - Imagem do processo criativo dos alunos.



Fonte: Arquivo pessoal. Souza (2018).

Figura 18 - Imagem do processo criativo dos alunos.



Fonte: Arquivo pessoal. Souza (2018).

Figura 19 - Desenhos produzidos pelos alunos. Matriz e gravura



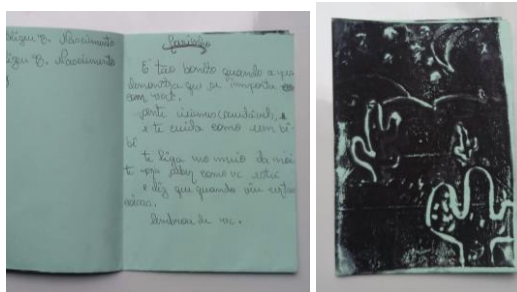
Fonte: Arquivo pessoal. Souza (2018).

Figura 20 - Desenhos produzidos pelos alunos. Matriz e gravura



Fonte: Arquivo pessoal. Souza (2018).

Figura 21- Imagens dos alunos produzindo na oficina.



Fonte: Arquivo pessoal. Souza (2018).

Figura 22 - Imagens dos alunos produzindo na oficina



Fonte: Arquivo pessoal. Souza (2018).

Figura 23 - Desenhos produzidos pelos alunos.



Fonte: Arquivo pessoal. Souza (2018).

3.2. Análise das informações e discussão dos resultados

Tomando como ponto de partida o objetivo desse trabalho, foi realizado um critério de seleção com o enfoque de escolher a escola mais indicada para potencializar a satisfação do que se quis implementar a partir do planejamento estipulado, a fim de suprir as expectativas desta pesquisa. Ainda quanto a escolha da escola, levou-se em consideração o ensino público e a aceitabilidade da organização pedagógica do colégio em relação a esse experimento sócio-educacional.

A apresentação da oficina foi programada para ser realizada por cerca de, no máximo, 45 minutos de aula. Durante a oficina, ocorreu conforme o planejado.

Os sujeitos, objetos desta pesquisa, no primeiro contato com a xilogravura, ficaram atentos às instruções que lhes foram passadas. A partir de uma conversa prévia, percebeu-se que a maioria não tinha ciência do que era um cordel. Essa feita, foi utilizado o rap para despertar a atenção dos jovens, pois é inegável a similaridade que o gênero musical possui com a poesia da Literatura de Cordel. De acordo com Skinner (1957/1999, p. 157): “sob condições experimentais, uma resposta específica pode ser reforçada pela produção ou clarificação de um estímulo que controla outro comportamento”.

A escolha da música citada acima foi proposital em função do gênero se relacionar com a adolescência, por valorizar a Literatura de Cordel – no sentido de como ela é estruturada –, e pela letra de empoderamento ao povo da região norte e Nordeste. Nota-se pelo refrão:

*Êha! ei! nortista agarra essa causa que trouxeste
Nordestino agarra a cultura que te veste
Eu digo norte vocês dizem Nordeste
Norte Nordeste norte Nordeste (...)*

Trata-se, então, de uma música carregada de significado através da sua relação com o jovem (sujeitos alvos da pesquisa) e com a própria cultura nordestina (apresentada para os alunos pela Literatura de Cordel).

Visando transformar a sala de aula em um local que propicie uma comunicação verbal, objetivando menos formalidade, e com o intuito de despertar a criatividade, os alunos foram dispostos em grupos de quatro a cinco pessoas, no intuito de que quando surgissem dúvidas, um ajudasse ao outro na execução das tarefas, tornando a atividade em um fenômeno de socialização. Segundo, Martins (2015): “Das tendências atuais, uma que nos parece melhor colaborar para esta reflexão é a psicologia sócio-histórica, e, dentro dela, as práticas sociointeracionistas são as que acenam para caminhos diferentes daqueles propostos pela escola mais tradicional.”

Apesar de não ser obrigatória a participação dos indivíduos objetos da pesquisa, vale salientar o interesse de todos por participar da tarefa. Devido a comparação do *rap* com a Literatura de Cordel, houve interesse de muitos alunos, participantes da pesquisa, em saber como os nordestinos viviam aqui no D.F. e o que os retirantes falavam em suas poesias. Foi notório como alunos identificaram-se com a Literatura de Cordel à partir do emparelhamento com o gênero musical que eles possuem afinidade. De acordo com os autores Deschamps; Moliner, (2009):

No mundo contemporâneo, as identidades são necessárias para que reconheçamos nossa pertença: o que somos, o que temos em comum, o que nos diferencia dos outros e o que gostaríamos de ser. Elas são necessárias para o estabelecimento dos relacionamentos interpessoais.

Como o *rap* está inserido no contexto dos adolescentes não foi surpresa que muitos alunos cantaram junto com a música, o que tornou a oficina interessante. Esse gênero é passível de uso como estímulo discriminativo, para deixá-los atentos a atividade proposta, que, segundo Skinner (1953/1965):

O controle exercido por um estímulo discriminativo é tradicionalmente tratado sob o tópico atenção. Esse conceito inverte a direção da ação, sugerindo não

que um estímulo controla o comportamento do observador, mas que o observador atenta para o estímulo e, assim, o controla (p. 122).

Nesta experiência houve uma boa recepção com: as professoras de arte, a direção, a supervisora pedagógica e os alunos. Pude observar o comportamento dos alunos e de como realizam as interações entre eles e a professora. Percebi que se davam muito bem, com conversas e brincadeiras, pois nas palavras de Fleith; Alencar (2005, p.86): “No que diz respeito à pessoa, interesses e curiosidade podem ser estimulados através de experiências positivas e de um ambiente encorajador da expressão criativa”. Nesse sentido, o ambiente não pode ser um inibidor, ou seja, este não deverá ser um espaço em que gere opressões de qualquer natureza.

A xilogravura como expressão da cultura popular abre caminhos a um campo de reflexão nas escolas, e, conseqüentemente, nas aulas de arte em função de ser patrimônio cultural brasileiro. Em última análise, é primordial o conhecimento a respeito da xilogravura e da Literatura de Cordel como instrumentos reforçadores de criatividade, para além dos significados enquanto expressão de identidade, de uma análise social e política em um contexto histórico.

Com a finalidade de demonstrar a relação funcional entre os alvos da pesquisa e a atividade de xilogravura, é possível verificar que, no contexto da sala de aula, tanto os alunos, quanto a professora da turma de aceleração, decidiram dar continuidade à atividade realizada, pois obteve-se resultados reforçadores., A saber: no que diz respeito à história da construção de Brasília (didático), uma comunicação entre os próprios alunos e com a professora por causa da atividade (relacionamento social) e pelos parentes nordestinos que alguns dos sujeitos, produtos da pesquisa, tinham, e a própria identificação social produzida na comparação do *rap* com a Literatura de Cordel (identidade).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa, expôs um breve histórico da forte influência da região Nordeste no D.F., pois estes povos ajudaram no processo de formação de Brasília e cidades satélites. A partir disso, foi relacionada a história do cordel e a relação do Nordeste nas memórias candangas e contextualizando esses fatos históricos em sala de aula. O objetivo dessa pesquisa foi mostrar a importância de valorizar as nossas heranças culturais no ensino das artes.

Mostrou-se interessante traçar um paralelo entre as raízes dos alunos e a cultura de cordel. O cordel é a união da poesia, gravura e protestos. Mostra uma bela expressão da arte brasileira, apresenta o cotidiano de um povo de forma poética. Por isso, a importância de ser mais abordada em sala de aula, pois é o caminho para mostrar aos alunos uma diversidade linguística, e promover aproximação com a cultura popular nordestina. Revelando ainda o sentimento de contestação, ou seja, um espaço de se pensar e de afirmar a identidade cultural. Dessa forma, dando à ficção um espaço de luta, portanto pode-se despertar o sentimento crítico sobre contextos sociais.

Como pesquisadora, é possível notar que a Literatura de Cordel tem mostrado-se capaz de adaptar-se às novas condições e dialogar de forma dinâmica com produções culturais do seu tempo. Além de despertar, a criatividade, reforçando a identidade. Os sujeitos participantes da pesquisa, se viram, mesmo que por um momento, fazendo parte de um contexto histórico em determinado intervalo de tempo. É possível inferir – com ares de uma nova pesquisa – que a cultura da Literatura de Cordel potencializa a autonomia do discurso dos jovens, possibilitando mais independência enquanto sujeito inserido na sociedade.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO; Cosma Silva de. **A política de estado e o trabalhador nordestino na construção de Brasília.** Disponível em: <http://www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/anais/trabalhos_completos/277-13192-20092017-143513.pD.F.>. Acesso em 10 out. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAKHTIN, M. (1988). [Volochinov, V.] **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec.

BAKHTIN, M. (1992) **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes.

BARROSO, Maria Helenice. **Os cordelistas no D.F.: dedilhando a viola, contando a história.** 2006. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) -Universidade de Brasília, Brasília, 2006.. Disponível em:<<http://repositorio.unb.br/handle/10482/2079>>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

CARVALHO; Mauro. **A Construção das Identidades no Espaço Escolar.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.20, n1, p.209-227, jan./jun.2012. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/2161/2521>>, acesso 14 jan. 2019

COSTELLA, Antônio F. **Breve história ilustrada da xilogravura.** Editora Mantiqueira, 2009. Campos do Jordão, SP.

DEBRUN Michel. **A identidade nacional brasileira,** disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000100004> acesso em 22 de jun. de 2017.

DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. **A identidade em Psicologia Social. Dos processos identitários às representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 2009.

FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **Escala sobre o Clima para Criatividade em Sala de Aula**. Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-Abr 2005, Vol. 21 n. 1, pp. 085-091. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722005000100012>>. Acesso 15 jan. 2019.

GABRIEL, Ademir Lopes. **Xilogravura como expressão da cultura popular**. 2012. 56 f., il. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) —Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Posse-GO, 2012. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/5690>>. Acesso em 20 de out. 2018

GASPAR, Lúcia. **Mestre Noza**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

GASPAR, Lúcia. **José Costa Leite**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

GODOY, Arilda Schmidt. **Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pD.F./rae/v35n2/a08v35n2.pD.F.>>. Acesso em 06 dez. 2018.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

_____. IPHAN: **Literatura de Cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro**, disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833>, acesso em 08 dez. 2018.

JERÔNIMO Soares. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216441/jeronimo-soares>>. Acesso em:

21 de Nov. 2018. Verbetes da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. São Paulo: [Governo do Estado de São Paulo]; FDE, 1997. p. 111-122. Série Idéias, n. 28. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pD.F./ideias_28_p111-122_c.pD.F..>. Acesso em 15 jan 2019.

MELO, Miriam Carla Batista de Aragão de. **“Cordel de Saia”: autoria feminina no cordel contemporâneo**. 2016. 126 f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/5684>>. Acesso em 20 out. 2018.

NASCIMENTO, Gruwer Iuri Maciel. **Casa do Cantador em Ceilândia/D.F.: “...faz parte da minha história...”**. 2014. xii, 84 f., il. Dissertação (Mestrado em Música) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/19339>>. Acesso em ago. 2018

PINTO, Maria do Rosário. **A produção feminina na Literatura de Cordel –um novo olhar**. Disponível em: <http://www.academia.edu/36778914/A_produção_feminina_na_literatura_de_cordel_um_novo_olhar>. Acesso 20 out. 2018.

PONTES, Marco Antônio. **A Literatura de Cordel Como Fonte de Incentivo no Ensino de Literatura**, Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/a-literatura-de-cordel-como-fonte-de-incentivo-noensino-de-literatura/>>. Acesso em 24 jun. 2017.

RAMEH, Letícia. **Cultura popular e educação popular: em busca da libertação**. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4162/1/FPF_PTPF_01_0819.pD.F.>. Acesso em 01 fev. 2019.

RONCOLATO, Murilo; FALCÃO, Guilherme; TONGLET, Ariel; MONTEIRO, Ricardo. **Os versos e traços da Literatura de Cordel**. Nexo Jornal. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/especial/2017/05/03/Os-versos-e-tra%C3%A7os-da-literatura-de-cordel>>. Acesso em 20 out. 2018

RUFFINI, Suseny Maia Teles. **O Espaço Urbano Na Literatura de Cordel: O Olhar De Cuíca De Santo Amaro**. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19370/1/Suseny%20Maia%20Teles%20Ruffini.pD.F.>> acesso em 25 de junho de 2017

SKINNER, B. F. (1965). **Science and human behavior**. New York: Macmillan. (Trabalho original publicado em 1953)

SKINNER, B. F. (1968). **Teaching thinking**. Em B. F. Skinner., **The technology of teaching** (pp. 115-144). New York: Meredith Corporation.

SKINNER, B. F. (1984a). **The operational analysis of psychological terms. Behavior and Brain Sciences**, 7, 547-553. (Trabalho original publicado em 1945)

SKINNER, B. F. (1984b). **Selection by consequences. The Behavioral and Brain Sciences**, 7, 477-492. (Trabalho original publicado em 1981)

SKINNER, B. F. (1999a). **The experimental analysis of behavior**. Em B. F. Skinner. Cumulative record (pp. 132-164). Acton, MA: Copley Publishing Group. (Trabalho original publicado em 1957)

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 10ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ANEXO

Anexo I

Plano de aula da oficina:

Propor aos alunos:

- Oficina de literatura, utilizando o cordel.
- Oficina de gravuras, para o desenvolvimento de figuras ilustrativas inspiradas no cordel.

Educador:

- Mostrar as diversidades linguísticas, desigualdades sociais, fazendo com que aconteça uma aproximação com a cultura popular nordestina.
- Promover debates diversidades linguísticas, desigualdades sociais.

Anexo II

Norte Nordeste Me Veste

Rapadura XC

O Nordeste é poesia,
Deus quando fez o mundo
Fez tudo com primazia,
Formando o céu e a terra
Cobertos com fantasia.
Para o sul deu a riqueza,
Para o planalto a beleza
Pro Nordeste a poesia.
(trecho de Patativa do Assaré).
Rasgo de leste a oeste
como peste do sul ao sudeste
Sou rap agreste norte-
Nordeste epiderme veste
Arranco roupas das
verdades poucas das
imagens foscas
Partindo pratos e bocas
com tapas mato essas
moscas
Toma! eu meto lacres
com backs derramo
frases ataques
Atiro charques nas bases
dos meus sotaques
Oxe! Querem entupir
nossos fones a repetirem
nomes
Reproduzindo seus
clones se afastem dos
microfones
Trazem um nível baixo,
para singles fracos,
astros de
Cadastros
Não sigo seus rastros,
negados padraos
Cidade negada como
madrasta, enteados já
não arrasta
Esses órfãos com
precatas, basta! ninguém
mais empata
Meto meu chapéu de
palha sigo pra batalha
Com força agarro a
enxada se crava em

minhas mortalhas
Tive que correr mais que
vocês pra alcançar minha
vez
Garra com nitidez rigidez
me fez monstro
camponês
Exerce influência,
tendência, em vivência
em crenças
Destinos
Se assumam são
clandestinos se negam
não nordestinos
Vergonha do que são,
produção sem expressão
própria
Se afastem da criação
morrerão por que são
cópias
Não vejo cabra da peste
só carioca e paulista
Só freestyleiro em
Nordeste não querem ser
repentistas
Rejeitam xilogravura o
cordel que é literatura
Quem não tem cultura
jamais vai saber o que é
Rapadura
Foram nossas mãos que
levantaram os concretos
os
Prédios
Os tetos os manifestos,
não quero mais
intermédios
Eu quero acesso direto
às rádios palcos abertos
Inovar em projetos
protestos arremesso fetos
Escuta! a cidade só
existe por que viemos
antes
Na dor desses retirantes
com suor e sangue
imigrante
Rapadura eu venho do
engenho rasgo os

canaviais
Meto o norte Nordeste o
povo no topo dos
festivais,
Toma!
Refrão:
Êha! ei! nortista agarra
essa causa que trouxeste
Nordestino agarra a
cultura que te veste
Eu digo norte vocês
dizem Nordeste
Norte Nordeste norte
Nordeste
Êha! hei! nortista agarra
essa causa que trouxeste
Nordestino agarra a
cultura que te veste
Eu digo norte vocês
dizem Nordeste
Norte Nordeste norte
Nordeste
Poesia:
Minhas irmãs, meus
irmãos, se assumam
como
Realmente são
Não deixem que suas
matrizes, que suas raízes
morram
Por falta de irrigação
Ser nortista e nordestino
meus contrários num
é ser
Seco nem litorâneo
É ter em nossas mãos
um destino nunca
clandestino para
Os desfechos
metropolitanos.
Devasto as galerias tão
frias cuspo grafias em
vias
Espalho crias em linhas
trilhas discografias
Arrasto lp's, ep's cds,
dvds
Cachês, clichês, surdez,
vocês? não desta vez!

Esmago boicotes em
estrofes com portes
cortes em
Flogs
Poetas pobres em
montes dão choques em
hip pops
Versos ferozes em vozes
dão mortes aos tops
blogs
Repente forte do norte
sacode em trotes galopes
Meto a fita embolada do
engenho em bilhetes de
states
Dou breaks em fakes
enfeites cacete nas mix
tapes
Bloqueio esses eixos os
deixo sem alimentação
Alheios fazem feio nos
meios de comunicação
Essas rádios que não
divulgam os trabalhos
criados em
Nossos estados
Ouvintes abitolados é o
que produz
Contratos que pagam
eventos forçados com
pratos sobre
Enlatados
Plágios sairão entalados
com esse cuscuz
Ao extremo venho ao
terreno me empenho em
trampo
Agrônomo
Espremo tudo que tenho

do engenho a um campo
autônomo
Juntos fazemos demos
oxigênios anônimos
E não gêmeos
fenômenos homogêneos
homônimos
Caros exteriores agrários
são os criadores
Diários com seus labores
contrários a importação
São raros nossos autores
amparo pra agricultores
Calcários pra pensadores
preparo pra incitação
Sou côco e faço cocada
embolada bolo na hora
Minha fala é a bala de
agora é de aurora e de
Alvorada
Cortando o céu da
estrada do nada eu faço
de tudo
Com a enxada aro esse
mundo e no estudo faço
morada
Sou doce lá dos
engenhos e venho com
essa doçura
Contenho poesia pura a
fatura de rima tenho
Desenho nossa cultura
por cima e não por de
baixo
Não sabe o que é cabra
macho? me apresento
rapadura
Espanco suas calças
largas com vagas para

calouros
Estranha o som do
Gonzaga a minha
sandália de couro
Que esmaga cigarras
besouros mata nos
criadouros
Meu povo o maior
tesouro amor regional
duradouro
Recito os ribeirinhos o
mara - baixo em vivência
Um norte com essência
não enxerga essa
concorrência
São tão iguais ouvi vários
e achei que era só um
Se no Nordeste num tem
grupo bom
Não tem em lugar
nenhum, toma!
Refrão:
Êha! ei! nortista agarra
essa causa que trouxeste
Nordestino agarra a
cultura que te veste
Eu digo norte vocês
dizem Nordeste
Norte Nordeste norte
Nordeste
Êha! ei! nortista agarra
essa causa que trouxeste
Nordestino agarra a
cultura que te veste
Eu digo norte vocês
dizem Nordeste
Norte Nordeste norte
Nordeste.